

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TURISMO SEXUAL NO JORNAL A NOTÍCIA¹

Liciane Rossetto Ferreira²

Resumo: O presente estudo visa a uma reflexão sobre as Representações Sociais (RS), a cerca do Turismo Sexual no jornal A Notícia, de Joinville, Santa Catarina. A pesquisa foi realizada, no primeiro semestre de 2006, a partir da busca eletrônica por notícias que envolvessem as palavras-chave: Turismo Sexual. A partir do material encontrado nos servimos da proposta de Spink (2003) para a construção do mapa das Representações Sociais e da análise da RS a respeito do Turismo Sexual no periódico. Iniciaremos com algumas considerações acerca do Turismo Sexual, seguida de uma contextualização sociohistórica de Florianópolis. Também dedicaremos uma breve reflexão sobre das Representações Sociais (RS) e a proposta de metodológica, para, a seguir, apresentar o resultado da pesquisa e nossa reflexão. Procuramos construir um mapa das RS do Turismo Sexual, apêndice a este estudo.

Palavras-chave: Turismo Sexual; Representações Sociais; A Notícia.

INTRODUÇÃO

Iniciamos a jornada rumo ao estudo das Representações Sociais do Turismo Sexual no jornal A Notícia, a partir da contextualização das nossas escolhas. Entendermos que tanto a Comunicação, quanto o Turismo, são fenômenos sociais que se interpõem às relações humanas. A principal questão de pesquisa é: de que modo as Representações Sociais em relação ao Turismo Sexual são expressas no jornal A Notícia?

A opção por um jornal catarinense se relaciona à concentração de um grande fluxo de viajantes no estado. O Jornal A Notícia é catarinense, de Joinville, foi fundado pelo paranaense Aurino Soares, começou a circular em 1923. Desde 1995, conta com uma edição específica chamada AN Capital, que se destina a enfatizar os fatos relativos à Florianópolis. No segundo semestre de 2006, a Rede Brasil Sul (RBS) comprou o jornal A Notícia, e passou a exercer o monopólio da mídia imprensa em Santa Catarina – o outro jornal de circulação estadual, O Estado, teve sérias dificuldades financeiras em 2000 e parou por completo em 2001.

O conteúdo da imprensa não deve ser confundido com a expressão da opinião do público leitor. A imprensa é formadora de opinião, e os leitores de certos jornais o compram porque os conceitos nele emitidos correspondem a suas próprias opiniões (AUGRAS, 1970, p. 104).

A escolha do método alude à característica do objeto. Nossa opção pela primeira pessoa do plural se deve a aproximação com o método escolhido, que prioriza o aspecto

¹ Trabalho apresentado ao GT 09 Turismo e Construções Simbólicas, do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul 27 e 28 de junho de 2008.

² Turismóloga, doutora em Comunicação, Coordenadora e Docente do Curso de Turismo do Centro Universitário do IPA.

contextual. As iniciais em letra maiúscula, de alguns termos, se apresentam com uma licença gramatical à regra para enfatizar certas palavras referentes ao objeto. A aparente excessiva repetição dos termos que conceituam as categorias é, aqui, um requisito necessário à construção gramatical (sujeito, predicado, acessórios...), além de ensejarmos ênfase às idéias dos autores que fazem o lastro do texto.

1. O TURISMO SEXUAL

Para a Organização Mundial do Turismo, conforme consta no documento da entidade, intitulado, “Declaração sobre a Prevenção do Turismo Sexual Organizado”, de 1995³, é apresentado como: “Viagens organizadas no setor do Turismo, [...] utilizando suas estruturas e suas redes, com o propósito principal de facilitar aos turistas a prática de relações sexuais comerciais com residentes do lugar de destino⁴”.

Barretto (2005, p. 10), conceitua: “Turismo sexual, quando a motivação principal que atrai os turistas é praticar sexo”. A autora considera que a prática do sexo pode não estar vinculada à prostituição, ou “a classes subalternas, fato que dá outro tom à discussão”. Para Barretto (2005, p. 11), “existe ainda um Turismo sexual não relacionado com retribuição pecuniária, que não configura prostituição, que constitui apenas o exercício da liberdade sexual”. A autora destaca que, nestes relacionamentos, a moça é tratada como a “namorada ocasional”, enfatizando a prática, como uma atividade extra entre pessoas de baixa renda.

As pesquisas da antropóloga Adriana Piscitelli revelam que o Turismo sexual pode envolver amor, sonho de casamento e ascensão social. Conforme Piscitelli (2005), há o cortejo, como forma de sedução, por parte dos estrangeiros, e os relacionamentos não se restringem às moças de classe pobre.

Nossas observações empíricas⁵ permitiram perceber que, *a priori*, em Florianópolis, o modelo de relacionamentos, de “namoro ocasional”, parece não se restringir às camadas socioeconômicas menos favorecidas, senão que pode estar presente na classe média, entre universitárias, seguindo o aspecto de “exercício da liberdade sexual”, e não das cortesãs. Nas palavras de Soares do Bem (2005, p. 71), “É o clima tropical, ao lado da generosa paisagem, que fornece o pano de fundo, para a representação da mulher brasileira como ‘picante’, sedutora, mundana e aventureira, enfim, como uma *sexbombe*”.

³ Disponível em: <http://www.world-tourism.org>

⁴ Tradução nossa

⁵ A autora residiu em Florianópolis no período de março de 1994 a julho de 2002.

Ribeiro (1999), diferencia três segmentos: prostitutas, “michês” e travestis. Outra tipologia está relacionada às crianças e aos adolescentes. A exploração sexual infanto-juvenil está associada com a pedofilia. O aliciamento de menores ocorre, em muitos casos, com anuência da própria família, envolvendo estrangeiros, oriundos da Ásia e Europa. É justamente no combate à pedofilia que o governo brasileiro tem centrado esforços, a partir de campanha na década de 90, “Turismo Sexual Infantil: o Brasil está de Olho”, até a proposta atual do código de conduta do Turismo, pela Comissão de Turismo e Desporto do Congresso Nacional.

Em 1995, na Assembléia Geral da Organização Mundial do Turismo (OMT), no Cairo, foi elaborado um documento intitulado *Declaracion de la OMT sobre la Prevencion del Turismo Sexual Organizado*, rechaçando esta prática, considerada exploradora e subversiva dos objetivos fundamentais do Turismo. A mesma declaração previa a mobilização dos governos no sentido de advertir aos turistas contra a participação na atividade, em especial em relação a crianças, e estimular os meios de Comunicação em ajudar o setor na ação de prevenir toda forma de Turismo Sexual organizado. Esse documento oficializou a posição que a OMT já manifestava em suas discussões sobre o tema.

O Congresso de Estocolmo, realizado pela entidade, em agosto de 1996, priorizou a introdução de uma agenda de ação contra a exploração sexual infantil pelo Turismo. E, em março de 1997, a EMBRATUR apresentou, internacionalmente, a sua proposta. A partir daquele momento, houve um esforço do Instituto junto aos órgãos responsáveis pelo Turismo para mudar a chamada apelativa, no que se refere à nudez feminina na promoção turística.

O tema Turismo Sexual necessita ser abordado em uma “escala multidimensional”, conforme propôs Opermann (1999, p. 262) quando almejou que seu trabalho encorajasse mais pesquisadores a investigar os assuntos que envolvem este tema. O Turismo sexual se apresenta como a viagem turística que inclui, no pacote além do transporte, da hospedagem, da alimentação, o sexo com a população nativa do destino. É uma atividade marginal ao Turismo, parece nascer da pobreza e da submissão sociocultural, pode organizar-se de diferentes maneiras nos destinos turísticos e nem sempre está, diretamente, atrelado à prostituição, e ao comércio do sexo.

1.2 Desterro, Ilha de Santa Catarina, Florianópolis

A capital catarinense é um exemplo de localidade que passou por seu "boom" turístico na década de 1980, quando foi massivamente visitada, em especial por argentinos,

em busca do calor das praias, das águas do litoral sulbrasileiro e dos baixos preços em relação ao seu país de origem.

Desde então, parece notável a relação controversa entre a comunidade local e os turistas estrangeiros, e percebe-se certa ambigüidade nas relações de troca que ali se estabelecem: a comunidade, muitas vezes, manifesta aversão à presença dos visitantes; ao mesmo tempo, depende financeiramente dos dólares trazidos na bagagem dos forasteiros, quer seja na economia formal ou na informal.

Florianópolis, a capital de Santa Catarina, tem uma extensão territorial de, aproximadamente, "423 quilômetros quadrados", habitada por cerca de 300 mil moradores (CECCA, 1997, p. 15). A história de sua ocupação somada à diversidade dos aspectos naturais faz da cidade um clássico modelo de destino turístico.

Ainda coberta, em boa parte, pela mata típica da Floresta Atlântica, a paisagem da Ilha de Santa Catarina é diversificada, composta por morros, costões, planícies costeiras arenosas, dunas, restingas, baías, enseadas, manguezais e lagoas. As praias são diversificadas, em especial no que se refere ao mar, tanto na temperatura das águas quanto na ondulação: mais amena e quente nas águas abrigadas das baías em frente ao continente; mais frias e de mar agitado, de tombo, nas águas abertas da costa leste (CECCA, 1997).

Habitada por índios carijós, que a chamavam de *Meyembipe*⁶, teve uma ocupação inicial composta por náufragos, por degredados e desertores que a batizaram de Ilha dos Patos.

Do século XIX até a década de 1930 do século seguinte, o porto, e em conseqüência, o comércio, foram responsáveis pela sustentação econômica da capital catarinense. A partir da década de 1950, a urbanização transformou a fisionomia da cidade, tanto da sede quanto dos distritos. Entre as décadas de 1950 e 1960, a população local construiu suas casas de praia, para finais de semana e férias, desenvolvendo o hábito de freqüentar as praias do continente, em especial nos bairros de Balneário e Coqueiros. Schmeil (1994) faz referência às Praias da Saudade, do Meio, Itaguaçu e Bom Abrigo, como sendo os espaços de lazer mais disputados pelos moradores locais, até que a poluição advinda pelo processo de urbanização tornou-as impróprias para banho.

Entre os anos de 1960 e 1970, a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, atraiu um contingente de professores e estudantes. Esse fluxo migratório era composto, em boa parte, de famílias de classe média, provenientes dos estados

⁶ Ilha costeira ou montanha ao longo do canal.

vizinhos, atraídas pelas oportunidades de emprego cujas exigências a população local não estava, então, preparada para atender.

Coincidiu com esse período a ocupação dos distritos, denominados balneários, pela população residente no centro da cidade, com caráter de segunda residência, destinada ao veraneio. A pavimentação das rodovias estaduais que ligam o distrito-sede aos balneários exerceu papel fundamental na expansão e na preparação dos lotes pela Prefeitura Municipal.

Em 1969, foi criado o primeiro órgão público do Turismo, a Diretoria de Turismo e Cultura (DIRETUR), na gestão do prefeito Acássio Garibaldi Santiago. Nos anos de 1970, a atividade foi contemplada no processo de planejamento do desenvolvimento local, constando nos planos governamentais como potencial a ser explorado. A partir de então, mediante a implantação de uma política pública o Estado assumiu o compromisso de implantação da infra-estrutura, além de criar o Departamento Autônomo de Turismo (DEATUR).

Conforme narramos acima, o efetivo crescimento turístico ocorreu na década de 1980, e, no início de 1990, foi registrado pelos órgãos públicos o triplo de visitantes na Ilha. Rapidamente, as vilas de pescadores se transformaram em centros turísticos, acarretando transferências e elevação do valor comercial da posse da terra. Além da expansão hoteleira, muitas residências de veraneio passaram a ser destinadas ao aluguel por temporada aos turistas.

As águas cristalinas e o mar tranqüilo, ambos aliados aos preços acessíveis pela relação cambial com os países do cone sul, foram fatores elementares para a atração de grandes contingentes de turistas. Ademais, um esforço conjunto dos órgãos públicos em divulgar e dos operadores de Turismo em organizar pacotes, incluindo vôo *charter* e hospedagem, promoveu o crescimento do fluxo turístico.

O modelo de Turismo sol e praia, com a presença massiva de turistas da Argentina provocou certa xenofobia por parte da população local e "desprezo por parte dos turistas, que vinham à procura de um Estereótipo de país tropical e mulheres fáceis vendido pelas agências", conforme relata Barretto (2004, p. 144).

Desde 2001, quando a crise econômica da Argentina ficou evidente, houve um decréscimo no fluxo de turistas estrangeiros para Florianópolis, em relação ao grande volume registrado nas duas décadas anteriores. Mesmo assim, de acordo com a "Pesquisa Mercadológica - Estudo da Demanda Turística"⁷, realizada pela Santa Catarina Turismo (SANTUR), nos anos de 2005, 2006 e 2007, os argentinos permaneceram em primeiro lugar entre os estrangeiros que visitaram a Ilha nos meses de verão. Em relação aos chamados

⁷ Disponível em: <http://www.sol.sc.gov.br/santur>

turistas domésticos, brasileiros, os principais emissores foram: Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, interior de Santa Catarina e Rio de Janeiro.

A grande maioria, tanto de estrangeiros quanto de brasileiros, hospeda-se em residências de amigos, parentes, ou alugadas, viaja de automóvel e indica os atrativos naturais como principal motivador da escolha da viagem. Somente em 2007 a estada em hotéis superou a opção por outros meios de hospedagem. O perfil de gasto – considerado indicativo do padrão socioeconômico dos turistas – manteve-se abaixo de 25 dólares por pessoa, por dia, até 2006, o que revela a prevalência do que se poderia classificar de uma classe média baixa. É possível considerar que este perfil permanece, apesar do aumento do gasto médio, em 2007, para cerca de 30 dólares por pessoa, por dia.

A densa concentração nas praias localizadas ao Norte da Ilha de Santa Catarina permanece. No entanto, é crescente a expansão pela Costa Leste e na direção Sul. É possível dizermos que, no verão, em Florianópolis, há presença de turistas em todas as praias, das mais movimentadas às aquelas mais escondidas por causa do acesso precário.

A realidade turística de Florianópolis não difere daquela de muitos destinos internacionalmente consolidados pelo mercado das viagens. O fenômeno turístico parece provocar abalos nas estruturas sociais, muitas vezes fazendo ressurgir problemas históricos que reportam ao colonialismo, ao preconceito, à sujeição. Não raro, o cerne das complexas e múltiplas inter-relações promovidas pelo Turismo produz efeitos nocivos.

2. O Estudo das Representações Sociais

Mediadas pela linguagem, forma de conhecimento e interação social, as Representações Sociais se manifestam em palavras, em comportamentos, “a realidade vivida é também representada” (MINAYO, 2003, p. 108), e, mesmo que se limitem “a certos aspectos da experiência existencial”, buscam traduzir um pensamento fragmentário, revelam uma visão de mundo. A autora (2003, p. 109) complementa: esta “visão de mundo dos diferentes grupos expressa as contradições e conflitos presentes nas condições em que foram engendradas”.

Por serem ao mesmo tempo ilusórias, contraditórias e “verdadeiras”, as representações podem ser consideradas matéria-prima para a análise do social [...], pois retratam e refratam a realidade segundo determinado segmento da sociedade. [...] Pela sua vinculação dialética com a realidade, a compreensão da fala exige ao mesmo tempo a compreensão das relações sociais que ela expressa. Porque as palavras não são a realidade, mas uma fresta iluminada: representam! (MINAYO, 2003, p. 110).

Conforme Spink (2003, p. 117) o campo de estudo das Representações Sociais (RS) alia dois debates importantes: as representações emergem como uma modalidade de

conhecimento prático orientado para a compreensão do mundo e para a Comunicação; as RS emergem como construções com caráter expressivo, elaborações de sujeitos sociais sobre objetos socialmente valorizados.

Spink (2003, p. 118) sugere que as RS, enquanto formas de conhecimento, são estruturas cognitivo-afetivas e, não podem ser reduzidas apenas ao seu conteúdo cognitivo. Precisam ser entendidas, a partir do contexto. Dois aspectos são centrais: a teoria do conhecimento que lhe é subjacente e os determinantes de sua elaboração. As RS estudam o conhecimento do senso comum.

A elaboração das Representações Sociais, enquanto formas de conhecimento prático que orientam as ações no cotidiano, ocorre na interface de duas forças, como sugere Spink (2003, p. 121): dos conteúdos que circulam em nossa sociedade de um lado, e de outro as forças decorrentes do próprio processo de interação social e as pressões para definir uma dada situação de forma a confirmar e manter identidades coletivas.

[...] conteúdos que circulam na sociedade podem ter sua origem tanto em produções culturais mais remotas, constituintes do Imaginário social, quanto em produções locais e atuais, [...] o contexto pode ser definido [...] também a partir de uma perspectiva temporal. Três tempos [...] o tempo curto da interação que tem por foco a funcionalidade das representações; o tempo vivido que abarca o processo de socialização; [...] o tempo longo, domínio das memórias coletivas onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o Imaginário social. [...] quanto mais englobarmos em nossa análise o tempo longo, [...] os conteúdos do imaginário social – mais nos aproximaremos das permanências que formam os núcleos mais estáveis das representações. [...] quanto mais nos ativermos ao aqui-e-agora da interação, mais nos defrontaremos com a diversidade e a criação (SPINK 2003, p. 122).

Em relação ao estudo das Representações Sociais, conforme a proposta de Spink (2003, p. 130), é possível partir de uma análise do Discurso e seguir os passos de transcrição, leitura flutuante, retomada dos objetivos da pesquisa e a definição do objeto da representação. A partir desta leitura flutuante é possível definir “o que é figura e o que é fundo é essencial, mesmo que o fundo esteja presente nas construções em pauta” (SPINK, 2003, p. 131).

Seguindo esta orientação o primeiro caminho seria mapear o Discurso a partir das dimensões internas da representação: dos seus elementos cognitivos, da prática do cotidiano e do investimento afetivo. O segundo caminho seria mapear o discurso a partir dos temas emergentes definidos a partir da leitura flutuante e guiados pelos objetivos do pesquisador. Nossa escolha pelo segundo caminho alude ao objeto e a opção de pesquisar na Mídia impressa.

Buscamos construir um mapa (Apêndice B) que transcrevesse a associação de idéias entre as dimensões, e as relações entre os elementos. Nossa idéia é de entender as RS, na

perspectiva do meio de comunicação pesquisado, na observação das associações de idéias, de acordo com a proposta de Spink (2003, p. 138).

A partir do mapeamento desejamos contemplar de que modo as Representações Sociais e, também, a Ideologia, são expressas em relação ao Turismo Sexual no jornal A Notícia. “A ideologia dominante da sociedade tende a propagar imagens de alguns grupos específicos como o seu ‘outro’ total”, destaca Joffe (2003, p. 315).

A Ideologia é refletida na resistência, na negação, “a projeção da responsabilidade sobre grupos estranhos é um mecanismo de defesa” afirma Joffe (2003, p. 318-319). Conforme Thompson (1995) os sistemas de pensamento e os modos de experiência estão condicionados por circunstâncias sociais, são partilhados por grupos de pessoas, incluindo as que estão engajadas na análise ideológica.

A projeção de ações socialmente inaceitáveis sobre outros está relacionada a sistemas de defesa primários, cujos traços permanecem ao longo de toda a vida. A defesa, ainda que tenha sua origem no sujeito individual, pode ser tanto exacerbada como diminuída, dependendo das práticas discursivas que estão em torno do sujeito e, desenvolvimento. Desse modo, a interação contínua entre meios de comunicação e o imaginário popular é central para o processo de formação de fantasia (JOFFE, 2003, p. 316).

3 O Turismo Sexual no Jornal A Notícia

Encontramos em nosso levantamento, entre 1999 e 2006, 15 ocorrências (Apêndice A) sendo: sete matérias, cinco colunas, uma crônica, um editorial e uma nota na página policial. Destas, cinco ocorrências se referem à Santa Catarina ou a Florianópolis, em três casos é comentada a possibilidade de que venha a existir, ou que exista, um Turismo Sexual – no estado e/ou na capital – em pequena escala.

Em relação à ocorrência do Turismo Sexual, o jornal A Notícia localiza, geograficamente, da seguinte maneira: em cinco matérias o foco é Santa Catarina; em três é o Nordeste; em outras três é o Brasil; em uma matéria são referidos os estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Goiás; também, em uma matéria a América Latina; e em outra são vários os destinos.

Buscamos, em uma leitura flutuante, as expressões que provêm à ancoragem – que na linguagem popular, é uma Representação Social. Encontramos duas idéias principais, a primeira de que o Turismo Sexual está relacionado à Prostituição, a segunda, que está relacionado à Exploração Sexual.

A idéia que associa o Turismo Sexual à prostituição segue um encadeamento de contemplá-lo como uma atividade feminina, de mulheres maiores de idade, e que tem como principal consequência o tráfico internacional de seres humanos.

Por outro lado, na idéia que associa o Turismo Sexual à exploração sexual, considera essa atividade quando ocorre com crianças e na idade infanto-juvenil, incluindo adolescentes. Ambos os casos convergem para a causa de abuso sexual dos menores em casa, e é evidenciado que essa prática é um crime. Além de ter como causa o abuso doméstico é sugerido, pelo jornal, que estas crianças são viciadas em drogas e que praticam o sexo para manter o vício.

Ainda, em relação à exploração sexual de menores, pauta de maior abrangência nas matérias, a situação é tratada como prioridade de intervenção punitiva por parte da polícia e da justiça, bem como é indicada a necessidade de uma campanha para conscientizar a população de que o abuso sexual de menores é crime.

Outro dado que emerge na leitura das matérias é a abordagem ao Turismo Sexual em relação ao estado de Santa Catarina ou à sua capital. Entre 1999 e 2004 não é aceita a possibilidade de que haja um Turismo Sexual no estado ou em Florianópolis, a hipótese chega a ser rechaçada por autoridades do setor turístico em entrevistas.

A primeira matéria (12/10/1999) aborda que o Turismo Sexual seria debatido em um evento, onde uma pesquisadora teria comentado que “existe em Santa Catarina, apesar de estar sendo praticado de forma diferente [grifo nosso] de como ocorre no Nordeste brasileiro, onde o problema é maior”. Na matéria seguinte (10/10/2000) a informação é que Santa Catarina não possui um programa de prevenção por que não há necessidade, este problema só ocorre com turistas europeus que se dirigem ao Nordeste do país, conforme afirma uma autoridade pública. Em uma terceira matéria (18/10/2000) é aceita a possibilidade de que o alerta da pesquisadora pode ser válido, ainda que o texto use uma narrativa que mostra esta hipótese como remota.

Há uma notícia (24/10/2000) que denuncia a viagem de catarinenses para outros estados brasileiros visando o Turismo Sexual, sob o pretexto de viagens para pescaria. Seguem matérias sobre o problema na América Latina e no Nordeste, sobre a prevenção com campanhas de conscientização, e operações policiais.

Em 2004, o relatório de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) cita nominalmente Santa Catarina e Florianópolis como pólos da exploração sexual infanto-juvenil. A partir deste relatório algumas matérias tratam do assunto como sendo um problema em relação ao crime de abuso sexual de menores e o vinculam, também, ao uso de drogas. A manchete do editorial sintetiza o sentimento; “O Relatório da Vergonha” (09/07/2004). Ainda

assim o conteúdo do texto projeta o problema para classes menos favorecidas economicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções sociais surgem de uma lacuna, carregam um sentido simbólico de tornar familiar o que não é familiar, a partir da ancoragem, que é uma classificação, e da objetivação, que busca “iconizar”. As Representações Sociais não têm uma relação com a imagem, mas com as construções mentais e sociais, estão próximas ao imaginário social/coletivo. Parece-nos que a linha que distingue as RS do Imaginário é muito tênue.

Conforme encontramos no jornal A Notícia o tema Turismo Sexual foi tratado como um problema externo ao estado de Santa Catarina e de sua capital, Florianópolis. Essa projeção de responsabilidade, como proposta por Joffe (2003), é um mecanismo de defesa. A negação alude à Ideologia.

Mesmo no momento em que se reconhece a existência de um Turismo Sexual no estado, e na capital catarinense, a referência é projetiva a um grupo de menores abusados sexualmente, como se fosse possível isolar o problema em um grupo social.

As duas principais idéias associadas ao Turismo Sexual são de prostituição, quando envolve mulheres maiores de idade, e de exploração sexual, quando envolve crianças e adolescentes. As expressões refletem, nas matérias, sempre dois grupos, o feminino e o infanto-juvenil. De certo modo é possível dizer que as formas simbólicas manifestam uma dominação de gênero.

Nossa interpretação da forma de abordagem do Turismo Sexual pelo jornal A Notícia, nos leva a considerar que a tolerância da população catarinense à presença massiva dos turistas, em uma relação de dependência econômica, acarreta a negação da possibilidade de existência de atividades marginais ao Turismo. Florianópolis não é rotulada como um destino de ocorrência do Turismo Sexual, tal prática parece ser velada, o que não significa sua inexistência – talvez seja silenciada, mesmo que se evidencie em determinados momentos

Percebemos que o Turismo Sexual, na condição de parasita do fenômeno turístico, de modo orgânico, não pertence ao Turismo, no entanto, está nele, na condição similar a um organismo que vive em outro organismo, dele obtendo alimento e causando-lhe dano. O Turismo Sexual parece munir-se da submissão sociocultural e da pobreza, situações em que a pessoa não escolhe de forma livre e consciente; são conseqüências da exclusão social.

As nossas evidências podem nos impedir de ver aquilo que seria evidente. Nesse sentido, algo pode parecer não tão contemporâneo quanto o tempo em que se vive. É possível que a questão essencial, na extensão da explicação para a compreensão, esteja no sentido, que é significação e finalidade, que pode se projetar ou introjetar.

REFERÊNCIAS

- AUGRAS, Monique. **Opinião pública: teoria e pesquisa**. Vozes, 1970.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BARRETTO, Margarita. **Visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos sócioantropológicos**. Revista Turismo em Análise, v. 15, n.2, p. 133-149, novembro 2004.
- BARRETTO, Margarita. Prefácio. In **A dialética do turismo sexual**. Campinas: Papirus, 2005.
- CECCA. **Uma cidade numa ilha**. Florianópolis, SC, 1997.
- CHAME – Centro Humanitário de Apoio à Mulher. **O que é que a Bahia tem**. Salvador, BA, 1998. Folder.
- JOFFE, Hélène. “**Eu não**”, “**o meu grupo não**”: representações sociais transculturais da AIDS. In GUARESCHI, Pedrinho. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 297-320.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito das representações sociais dentro da sociologia clássica. In GUARESCHI, Pedrinho. JOVCHELOVITCH, Sandra (org). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- OPPERMANN, Martin. **Sex tourism**. *Annals of Tourism Research*, Vol. 26, No. 2, pp. 251-266, 1999.
- OURIQUES, Helton Ricardo. **Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna**. Florianópolis: UFSC, 1995.
- PISCITELLI, Adriana. **Asas do desejo**. Entrevista concedida à Manuel Alves Filho. Jornal da UNICAMP, edição 269, outubro de 2004. Disponível em www.unicamp.br em 13 de maio de 2005.
- RIBEIRO, Miguel Ângelo. **Prostituição de rua e turismo: a procura do prazer na cidade do Rio de Janeiro**. In: Turismo. Modernidade. Globalização. São Paulo: HUCITEC, 1999. p. 102-118.
- SCHMEIL, Lilian; BASTOS, Rafael Jose de Menezes. **Alquila-se uma ilha: turistas argentinos em Florianópolis**. Florianópolis, 1994. [190 f]. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- SOARES DE BEM, Arim. **A dialética do turismo sexual**. Campinas: Papirus, 2005.
- SPINK, Mary jane. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais**. In GUARESCHI, Pedrinho. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 117-148.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

APÊNDICE A

Tabela 1: Relação das Manchetes e datas

Data	Manchete
12/10/1999	Encontro debate turismo sexual no Estado
10/10/2000	Fórum alerta para turismo sexual

18/10/2000	Turismo Sexual
24/10/2000	"Pescaria"
19/11/2000	Crianças são vítimas de exploradores
23/05/2002	Ciência e Comunicação: prêmio
19/11/2002	Turismo sexual 1 e 2
23/1/2003	PF combate prostituição infantil em 18 Estados
12/02/2003	Governo combate turismo sexual
09/07/2004	O relatório da vergonha
27/1/2005	SC na lista negra da prostituição infantil
04/03/2005	Plano contra turismo sexual
27/03/2005	Turismo sexual
12/06/2005	As idas e vindas da indústria do sexo
29/03/2006	Oito presos por tráfico de mulheres

Fonte: a autora

APÊNDICE B

Mapa das Representações Sociais do Turismo Sexual em A Notícia (1999-2005)

